



UMA HISTÓRIA REAL

O MENINO DO CARAJÁ

A trajetória de CARLOS BERNARDO

O MENINO DO CARAJÁ

A trajetória de Carlos Bernardo:

da escassez absoluta ao império na fronteira

Baseado em depoimentos reais

Primeira Edição

2026

"Para Cleonite, que transformou mamão verde em esperança.

Para Manuel, companheiro dos tocos e do algodão.

Para todos que já comeram o descarte do sistema

e se recusaram a ser descartados."

SUMÁRIO

Prólogo: A Liquidação da Fuga

PARTE 1 — A TERRA BATIDA

Capítulo 1: O Inverno no Carajá

Capítulo 2: A Mecânica da Fome

Capítulo 3: Os Meninos e os Tocos

Capítulo 4: O Peso da Mão de Lázaro

Capítulo 5: O Último Suspiro de Cleonite

PARTE 2 — O MOEDOR DE CARNE

Capítulo 6: O "Júlio" de São José do Rio Preto

Capítulo 7: O Banquete dos Descartados

Capítulo 8: Caixas Vazias

PARTE 3 — A QUEDA E A LÁBIA

Capítulo 9: O Golpe do Empresário

Capítulo 10: O Corretor do Vácuo

Capítulo 11: O Golf Batido

PARTE 4 — O ARQUITETO DA FRONTEIRA

Capítulo 12: A Penhora do Dia 29

Capítulo 13: O Nexo

Capítulo 14: A Traição e os 57 Alunos

Capítulo 15: O Motor, Não o Dono

PARTE 5 — O IMPÉRIO MONARCA

Capítulo 16: O CEO e as 800 Famílias

PARTE 6 — O TABULEIRO POLÍTICO

Capítulo 17: O Sistema Tenta Engolir

Capítulo 18: O Cavalo de Troia Jurídico

Capítulo 19: O Plano dos 1.000 Dias

Epílogo: O Motor Está Ligado

PRÓLOGO

A Liquidação da Fuga

*"Quando você não tem nada a perder, qualquer
direção é a direção certa."*

A encruzilhada de terra batida não tinha placa, nem precisava. Para quem não tem nada, qualquer direção que afaste do ponto de partida é o caminho certo. O sol ainda não havia cortado a névoa fria da manhã no interior do Paraná quando o menino de dezesseis anos entregou a corda.

Sabiá, a mula de trabalho, bufou baixo ao ser puxada pelo comprador. A bicicleta enferrujada, que até o dia anterior era seu principal meio de locomoção, já estava encostada na cerca do vizinho, vendida. A espingarda velha também havia virado algumas notas amassadas no bolso da calça.

Carlos não olhou para trás. Não havia romantismo na despedida, nem promessas sussurradas ao vento. Havia apenas um instinto primitivo de sobrevivência.



A encruzilhada - o ponto sem retorno

Semanas antes, ele havia sentido o peso morto de sua mãe, Cleonite, em seus braços. Ela se foi no trajeto desesperado em busca de um hospital que, para pessoas como eles, existia apenas na teoria. A morte dela foi o ponto de ruptura. A casa, já insuportável pela violência sistemática de seu pai, Lázaro, tornou-se um túmulo respirável.

Aos dezesseis anos, Carlos Bernardo fez sua primeira liquidação de ativos. Vendeu tudo o que lhe pertencia no mundo para comprar uma passagem de saída. A mala era pequena, o dinheiro era curto, mas a decisão era colossal. Ele estava declarando guerra à sua própria biografia. O medo de se tornar um andarilho, um homem sem rosto engolido pelo sistema, era maior do que o medo do desconhecido.

A estrada de terra à sua frente não prometia nada. O destino era São José do Rio Preto, em São Paulo. O que ele não sabia, enquanto o ônibus levantava poeira rumo à cidade grande, é que a fome não ficaria no Paraná. Ela o seguiria, testaria seus limites e exigiria que ele aprendesse a hackear a própria miséria.

A forja do vácuo havia começado.

• • •

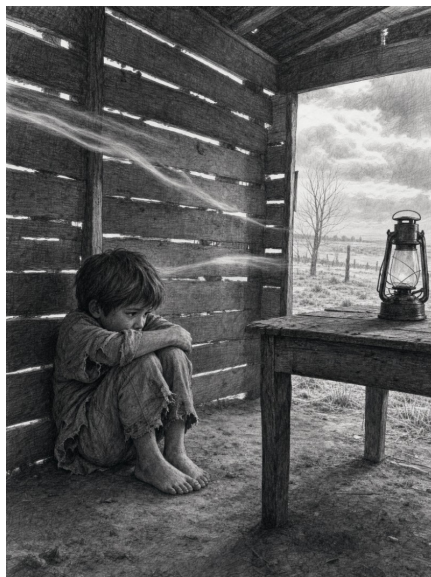
PARTE 1

A TERRA BATIDA

Capítulo 1: O Inverno no Carajá

A pobreza tem uma arquitetura própria. No Bairro Carajá, no município de Ubitatã, interior do Paraná, ela era construída com tábuas de madeira velha.

A casa da família Bernardo não era um refúgio contra o mundo; era apenas uma extensão dele. As frestas entre as tábuas eram tão largas que o inverno paranaense não pedia licença para entrar. Ele invadia os cômodos, deitava-se no chão de terra batida e congelava os ossos das sete crianças - três meninos e quatro meninas.



A casa de madeira no Carajá - o frio entrava pelas frestas

Carlos, o primogênito, aprendeu cedo que o luxo era um conceito alienígena. Ter um par de tênis Kichute ou Bamba era um delírio. O máximo que a realidade permitia era um Conga gasto, e na maior parte do tempo, os pés descalços precisavam se acostumar com a aspereza do chão gelado.

A escassez não era um evento sazonal; era a condição estrutural da existência. A casa não tinha conforto, não tinha fartura e, frequentemente, não tinha paz. Lázaro, o patriarca, era um homem forjado na dureza de uma época que não perdoava

fraquezas. Sua autoridade era exercida através do rigor extremo e da violência física. O ambiente doméstico era um campo minado onde qualquer passo em falso resultava em punição.

Cleonite, a mãe, tentava ser o amortecedor daquela engrenagem brutal. Mas como se amortece o peso de uma vida onde falta tudo? A família não vivia; operava em modo de contenção de danos.

Para Carlos, a infância não foi um período de descobertas lúdicas, mas um treinamento militar para a vida adulta. As paredes com frestas não o protegiam do vento, mas o ensinaram a endurecer a pele. O chão de terra batida não era um lugar para brincar, mas o lembrete constante de onde ele estava partindo. Aquele era o marco zero. E o marco zero não aceita desculpas.

Capítulo 2: A Mecânica da Fome

A fome não é apenas a ausência de comida. É uma presença física. Ela ocupa espaço na barriga, nubla a visão, dita o ritmo da respiração e reconfigura o cérebro. Quando a fome se instala como

inquilina permanente, a vida se reduz a uma única matemática: como obter a próxima caloria.

Entre 1979 e 1980, a família Bernardo atingiu o ápice dessa equação perversa. Arroz e feijão, a base da dieta brasileira, tornaram-se artigos de luxo, itens de uma vitrine inalcançável.



Cleonite e os filhos - o mamão verde que virava "abobrinha"

O cérebro precisava ser enganado para que o corpo continuasse de pé. A mãe, Cleonite, operava milagres com o nada. O mamão verde, colhido no quintal ou na beira da estrada, era

descascado, picado e refogado. Na panela, com um pouco de sal e gordura, ele simulava a textura e o sabor da abobrinha. As crianças comiam fingindo acreditar na ilusão.

Quando não havia mamão, a salvação era o macarrão puro. Sem molho, sem carne, sem tempero. Apenas a massa cozida em água e sal, mastigada lentamente para prolongar a sensação de estômago cheio. O café da manhã, que para muitos é a refeição que dá energia para o dia, na casa dos Bernardo era frequentemente apenas uma xícara de chá ralo.

Essa não era uma dieta de escolha; era a mecânica da miséria. Carlos não estava apenas crescendo sem nutrientes; ele estava sendo privado do combustível básico para o desenvolvimento neurológico. Décadas depois, essa experiência visceral moldaria sua visão política e empresarial. Ele entenderia, na pele e nos ossos, que a desnutrição nos primeiros anos de vida destrói a bainha de mielina, o "HD" do cérebro humano.

A fome ensinou a Carlos a primeira grande lição de pragmatismo: não há espaço para romantismo quando o estômago ronca. A dor ensina a calcular o risco. E quando a margem de erro

é a inanição, você aprende a não errar.

Capítulo 3: Os Meninos e os Tocos

O trabalho infantil, nos livros de história, é uma estatística. No interior do Paraná da década de 1980, era a única barreira entre uma família e a fome absoluta.

Aos seis anos de idade, enquanto crianças de outras classes sociais aprendiam a ler e escrever, Carlos Bernardo aprendia a ler a terra e a escrever com calos nas mãos. Ele e seu amigo Manuel eram boia-frias. Não por vocação, não por escolha, mas por sentença.



Carlos e Manuel - 140 quilos de algodão por dia

As manhãs começavam antes do sol. Às quatro horas da madrugada, o frio cortava o rosto como uma navalha. O destino eram as roças de algodão. A geada cobria as folhas, e o contato das mãos nuas com as plantas congeladas era uma tortura silenciosa.

A infância foi substituída pela métrica da produtividade. Carlos e Manuel não brincavam de correr; eles competiam para ver quem colhia mais algodão. Era um jogo desesperado onde o prêmio era a sobrevivência. Chegavam a colher entre 140 e 150 quilos por dia, arrastando sacos que pesavam quase tanto quanto eles mesmos, até as oito horas da noite.

Quando a colheita acabava, o trabalho mudava de forma, mas não de peso. O desafio passava a ser a limpeza do terreno. Com as próprias mãos, os dois meninos arrancavam tocos de árvores enraizados na terra dura. A força exigida rasgava a pele, quebrava as unhas e forçava os músculos infantis além do limite biológico.

Carlos não tinha medo do cansaço. O cansaço passava com o sono. Seu verdadeiro terror, aquele que o mantinha acordado nas noites frias do Carajá, era a imagem dos andarilhos que passavam pela estrada. Homens sujos, sem destino, sem nome, sem futuro. Ele olhava para as próprias mãos sujas de terra e fazia uma promessa silenciosa: ele não seria um deles.

Capítulo 4: O Peso da Mão de Lázaro

A rua oferecia a dureza do trabalho, mas a casa não oferecia o conforto do descanso. A dinâmica familiar era ditada pela figura implacável de Lázaro.



O menino entrega o dinheiro - e recebe a fúria

Para tentar aliviar a miséria, Carlos não se limitava à roça. Ele descia para a cidade para atuar nas frestas da economia informal. Foi engraxate, ajoelhando-se diante de sapatos que custavam mais do que sua família ganhava em meses. Foi carpidor de terrenos urbanos, usando a enxada até as mãos sangrarem. Foi vendedor de picolés, caminhando quilômetros sob o sol.

Quando Carlos voltava para casa, exausto, com as moedas suadas no bolso, o roteiro frequentemente se repetia. O pai, sistemático e de pavio curto, não via o esforço; via uma

oportunidade para exercer o controle através do medo. Sob a acusação infundada de que o menino estava "vadiando" nas ruas em vez de trabalhar, a punição vinha rápida e pesada.

Carlos apanhava. Apanhava não por ter errado, mas pela simples engrenagem da violência doméstica que não precisa de justificativa para operar. A dor física dos golpes somava-se à dor moral da injustiça. Ele entregava o dinheiro que havia ganhado engraxando sapatos alheios e, em troca, recebia a fúria do próprio pai.

Esses episódios forjaram em Carlos uma casca emocional impenetrável. Ele aprendeu cedo que a justiça não é um direito natural; é algo que você precisa construir ou impor. A violência de Lázaro não o quebrou; ela o ensinou a suportar o impacto sem desmoronar. Cada golpe era um tijolo a mais no muro que ele estava construindo entre si mesmo e a vitimização.

Capítulo 5: O Último Suspiro de Cleonite

A resiliência humana tem um limite elástico. Você pode esticá-la com a fome, puxá-la com o trabalho exaustivo e torcê-la com a violência. Mas há momentos em que a corda simplesmente arrebenta.

Para Carlos Bernardo, o ano de 1985 foi o som do rompimento.

Cleonite era a âncora invisível da família. Era ela quem transformava mamão verde em esperança, quem tentava suavizar a mão pesada de Lázaro, quem mantinha os sete filhos respirando dentro daquela estrutura de madeira gelada.



O trajeto sem chegada - Cleonite nos braços do filho

O colapso veio sem aviso prévio. Quando Cleonite precisou de socorro, a realidade estrutural do interior do Brasil cobrou sua fatura mais cara. Não havia infraestrutura médica. Não havia ambulância. Não havia tempo.

No desespero para salvá-la, a viagem em busca de um hospital tornou-se uma corrida contra um relógio que já havia parado. Carlos, com apenas dezesseis anos, estava lá. O trajeto foi marcado pela angústia, pela poeira da estrada e pela impotência absoluta de quem não tem recursos para comprar a vida.

Cleonite não resistiu. Ela faleceu nos braços do filho primogênito, a caminho de um socorro que nunca chegou.

Naquele momento, segurando o corpo sem vida da mãe, Carlos não apenas perdeu sua maior referência de afeto. Ele perdeu a última ilusão de que o sistema o protegeria. A morte de Cleonite não foi apenas uma fatalidade médica; foi um assassinato burocrático, perpetrado pela falta de acesso, pela desigualdade e pela invisibilidade social.

Foi a morte da mãe que acionou o gatilho da fuga. A venda da espingarda, da bicicleta e da mula Sabiá não foi um ato de rebeldia adolescente; foi um instinto de preservação. Com dezesseis anos, a mala na mão e o coração blindado pela dor mais profunda que um ser humano pode sentir, Carlos deixou o Paraná para trás.

• • •

PARTE 2

O MOEDOR DE CARNE

Capítulo 6: O "Júlio" de São José do Rio Preto

A cidade grande não acolhe; ela engole. São José do Rio Preto, no interior paulista, era um universo distante da terra batida do Carajá. Para um adolescente recém-chegado, com pouco dinheiro e muita pressa, a cidade não era um lugar de oportunidades, mas uma arena de sobrevivência.



Madrugada na Rádio Onda Nova FM - o primeiro turno de três

Sua rotina era um teste de resistência física e mental. O dia começava na madrugada. Das quatro às oito da manhã, Carlos operava como técnico de som e sonoplasta na rádio Onda Nova FM. Enquanto a cidade dormia, ele estava no ar, apertando botões,

controlando vinhetas e garantindo que a programação fluísse.

Mas às oito horas, a magia do rádio acabava e a realidade batia o ponto. Ele corria para o Supermercado Laranjão, onde assumia a função de repositor. Das dez da manhã até as cinco da tarde, seu trabalho era carregar caixas, organizar prateleiras e manter o fluxo de mercadorias.

A jornada não terminava aí. Às sete da noite, ele vestia o uniforme de garçom e começava seu terceiro turno no restaurante Parada Obrigatória. Até as onze e meia da noite, ele equilibrava bandejas, anotava pedidos e servia clientes.

Carlos dormia poucas horas por noite. Seu corpo operava no limite da exaustão, movido pela adrenalina e pelo pavor de voltar à miséria absoluta. Ele não tinha tempo para ser adolescente. Ele era uma máquina de trabalho, calibrada para não falhar, porque a falha significava a rua.

Capítulo 7: O Banquete dos Descartados

A rotina de três empregos garantia um teto mínimo, mas o dinheiro era meticulosamente calculado. Cada centavo tinha um destino, e a alimentação era frequentemente a variável sacrificada na equação financeira de Carlos.

No Supermercado Laranjão, o contraste entre a abundância das prateleiras e o estômago vazio do repositor era uma tortura diária. Carlos via clientes enchendo carrinhos com carnes de primeira, queijos, pães frescos. Ele, por outro lado, precisava encontrar uma solução criativa e humilhante para não desmaiar de fraqueza durante o expediente.

A solução veio do lixo.



As carcaças do Laranjão - a proteína dos invisíveis

Na área de desossa do supermercado, o padeiro e os açougueiros descartavam as carcaças, os pescoços e os ossos de frango que não serviam para a venda. Eram sobras limpas, mas destinadas ao descarte. Para Carlos, no entanto, aquele lixo era a principal fonte de proteína.

Ele fez um acordo silencioso com o padeiro. As sobras eram separadas e, no horário de intervalo, Carlos as recolhia. Escondido, ele misturava aquelas carcaças e ossos com pão. Mastigava com cuidado para não se engasgar com os ossos,

extraíndo cada miligrama de carne e cartilagem disponível.

Não havia vergonha em seus olhos, apenas cálculo. A vergonha é um luxo para quem tem a barriga cheia. Para Carlos, comer o descarte do supermercado era um ato de resistência. Ele estava transformando o lixo do sistema em combustível para vencê-lo.

Capítulo 8: Caixas Vazias

O isolamento em São José do Rio Preto era brutal, mas o coração de Carlos permanecia ancorado nas irmãs que ficaram no Paraná. Ele sabia o que elas estavam passando sob o teto de Lázaro. Sabia da fome, do frio e do medo.



No correio - as caixas que nunca chegaram

Mesmo vivendo no limite, comendo ossos de frango e dormindo poucas horas, Carlos economizava uma fração de seu salário. Ele ia aos correios e despachava caixas com presentes, roupas ou qualquer pequena lembrança que pudesse aliviar a vida das meninas no Carajá.

Mas a vida, em sua ironia perversa, cobrava um pedágio até sobre a generosidade. As caixas raramente chegavam. Extraviadas, roubadas no meio do caminho ou interceptadas antes de chegarem às mãos das irmãs, as encomendas desapareciam.

Esse golpe silencioso não gerou apenas frustração; gerou endurecimento. Cada caixa perdida era uma lição sobre a falibilidade das boas intenções. Carlos aprendeu que não basta querer ajudar; é preciso ter controle sobre a logística da ajuda. A bondade sem estrutura é vulnerável.

• • •

PARTE 3

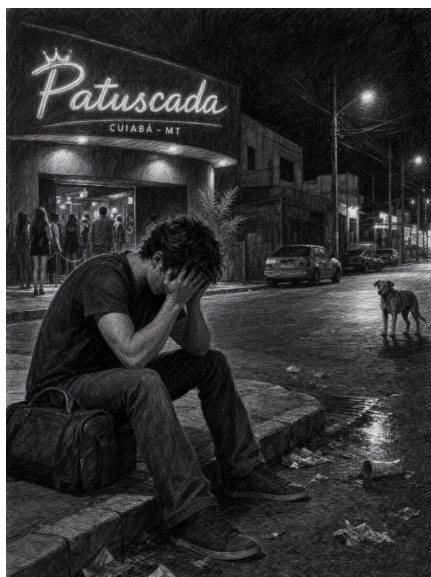
A QUEDA E A LÁBIA

Capítulo 9: O Golpe do Empresário

A transição da juventude para a vida adulta de Carlos foi marcada por uma busca incessante por oportunidades. A experiência na rádio abriu portas para o mundo da comunicação e do entretenimento. Ele se envolveu com a organização de eventos, atuou como locutor de rodeios e começou a circular nos bastidores de shows.

Foi nesse contexto que a ingenuidade cobrou seu preço mais alto.

Trabalhando com um empresário ligado a uma banda famosa da época (o grupo Tradição), Carlos acreditou estar em um caminho promissor. A parceria parecia sólida, até que a rota os levou a Cuiabá, no Mato Grosso.



Abandonado em Cuiabá - a noite mais longa

Em Cuiabá, o empresário avisou que precisava ir a uma cidade vizinha resolver um assunto rápido. "Eu volto logo", disse ele. As horas passaram. O sol se pôs. A noite chegou, e com ela, a constatação gelada: o empresário não voltaria.

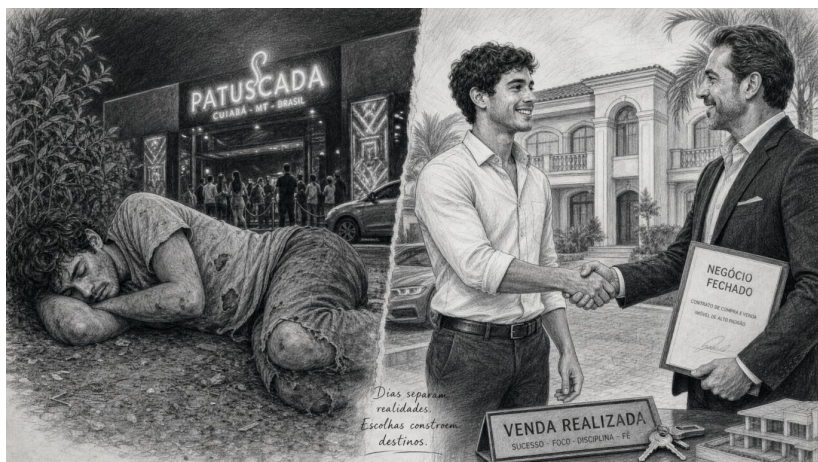
Sem dinheiro para um hotel ou mesmo para uma pensão barata, Carlos caminhou pelas ruas de Cuiabá até encontrar um terreno baldio, próximo a uma movimentada casa de shows chamada Patuscada. Ali, no mato, ouvindo a música abafada e o barulho dos carros dos frequentadores da boate, Carlos dormiu no

chão.

Era o fundo do poço. A terra batida do Carajá parecia ter retornado para assombrá-lo.

Capítulo 10: O Corretor do Vácuo

A miséria tira as opções, mas aguça os sentidos. Trabalhando informalmente e dormindo de favor, Carlos começou a atuar como auxiliar em uma imobiliária local. Ele não tinha registro, não tinha terno e, rigorosamente falando, não tinha onde cair morto. Mas ele tinha lábia, a dicção treinada nos rodeios e nas madrugadas da rádio, e uma percepção aguçada do comportamento humano.



A virada - de sem-teto a corretor de milhões

A oportunidade surgiu não como um plano, mas como um vácuo. Um cliente de alto poder aquisitivo apareceu procurando um terreno específico e uma casa de luxo para alugar. Os corretores oficiais hesitaram. Carlos, que não tinha nada a perder, assumiu a frente.

Ele intermediou a negociação de um terreno de 2 milhões de reais e o aluguel de uma mansão. Quando o contrato foi assinado e a comissão foi paga, Carlos olhou para o cheque. Eram 17.500 reais. Em uma única semana, usando apenas saliva e inteligência de mercado, ele havia ganhado mais dinheiro do que em anos de trabalho braçal.

Aquele cheque não era apenas dinheiro; era a decodificação do sistema. Carlos entendeu a premissa que mudaria sua vida para sempre: a força física tem um limite de valor, mas a informação é a moeda mais cara do mundo.

Capítulo 11: O Golf Batido

Com capital em mãos, o instinto de preservação de Carlos gritou mais alto. A ambição de estabilidade o levou a uma escolha ousada: estudar medicina. Não no Brasil, onde as portas eram estreitas e elitizadas, mas na Bolívia.



O VW Golf - dormitório, refeitório e escritório

Aos vinte e poucos anos, ele arrumou as malas e partiu para Santa Cruz de la Sierra. Mas a realidade fronteiriça é implacável. O custo de vida e as despesas com a faculdade drenaram rapidamente suas reservas.

A situação chegou a tal ponto que, sem dinheiro para o aluguel, ele passou a morar dentro de um carro - um Volkswagen Golf batido e velho. O carro tornou-se seu dormitório, seu refeitório e seu escritório.

A experiência boliviana durou pouco mais de um ano. Derrotado pela matemática financeira, Carlos precisou abandonar o curso e retornar ao Brasil. Mas ele havia conhecido a dinâmica das universidades de fronteira, entendido o fluxo de estudantes e percebido as falhas do sistema. O Golf batido não era um símbolo de fracasso. Era a sala de aula onde ele aprendeu que, para vencer no exterior, ele não poderia ser apenas um aluno vulnerável. Ele precisaria ser a estrutura.

• • •

PARTE 4

O ARQUITETO DA FRONTEIRA

Capítulo 12: A Penhora do Dia 29

De volta ao Brasil, Carlos buscou estabilidade na comunicação. Montou um portal de notícias, prestava serviços de assessoria para prefeituras e câmaras municipais. Mas aos 43 anos, ele tomou uma decisão que contrariava toda a lógica do conforto: iria tentar a medicina novamente. Desta vez, no Paraguai.



Dia 29 - a moto na casa de penhores

A mensalidade da faculdade vencia todo dia 10. O pagamento do Shopping China só saía no dia 10 ou 11. Todo dia 29, ele ia a

uma casa de penhores e deixava sua motocicleta velha como garantia para pegar dinheiro vivo. Pagava a faculdade no dia 10. Quando recebia do Shopping China, corria para resgatar a moto, pagando os juros da operação.

Era uma vida no fio da navalha. Em noites de desespero, caminhando pelas ruas de terra da fronteira, ele olhava para o céu e questionava a Deus: "Por que tanta dificuldade? Eu sou trabalhador, não faço mal a ninguém. Por que nada acontece de bom para mim?"

A resposta não viria em forma de milagre. Viria em forma de oportunidade de mercado.

Capítulo 13: O Nexo

O desespero financeiro forçou Carlos a olhar para a fronteira não como um aluno, mas como um jornalista investigativo. Ele percebeu algo que ninguém mais estava vendo: o Paraguai era um "zero à esquerda" no mapa da medicina sul-americana. O Brasil, logo ali do outro lado da rua, estava cheio de jovens que sonhavam

em ser médicos.



O nexo - quando o telefone não parava de tocar

Carlos começou a escrever matérias sobre a medicina no Paraguai. No final de cada matéria, ele colocava o seu próprio número de telefone. O telefone começou a tocar. Primeiro timidamente. Depois, incessantemente.

Carlos não era dono de faculdade. Ele não era professor. Ele era o nexo. Ele era a ponte entre a demanda reprimida do Brasil e a oferta ociosa do Paraguai. Em 2011, mais de 600 alunos brasileiros cruzaram a fronteira para estudar medicina sob sua coordenação.

Mas o sucesso atrai predadores.

Capítulo 14: A Traição e os 57 Alunos

Os donos da faculdade onde Carlos operava olharam para o fluxo de dinheiro que ele estava gerando e fizeram o cálculo clássico da ganância: "Se os alunos já estão aqui, por que precisamos dele?"



A sala de reuniões - "Nuestro logro", disseram eles

Sem aviso prévio, Carlos foi sumariamente demitido. O homem que havia trazido mais de 600 alunos para a instituição foi enxotado. Mas um conselheiro experiente, o Dr. Segóvia, viu além da raiva de Carlos.

"Você não precisa deles", disse Segóvia. "Você tem os alunos. Eles confiam em você, não na placa da faculdade. Vamos abrir a nossa própria instituição."

Carlos usou suas economias - mais de 400 mil reais guardados compulsivamente - para comprar 20 computadores, 20 microscópios e montar um laboratório de anatomia básica com dois cadáveres. A estrutura era mínima, quase espartana. Mas ele tinha algo que nenhum microscópio compra: credibilidade.

Capítulo 15: O Motor, Não o Dono

Carlos viajou para Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, o mesmo lugar onde havia fracassado anos antes. Ele alugou a sala de conferências de um hotel e convocou os estudantes brasileiros que estudavam medicina lá.



Santa Cruz de la Sierra - 300 alunos ouvem a proposta

Mais de trezentos alunos compareceram. Carlos subiu ao palco e vendeu uma visão. Ele não vendeu microscópios. Ele vendeu segurança, acolhimento e a promessa de que, no Paraguai, eles seriam tratados com dignidade.

Quando o curso de medicina da UCP abriu as portas no início de 2013, começou com 280 estudantes. Apenas 57 vieram de sua antiga instituição; o resto foi fruto de pura capacidade de persuasão.

A universidade cresceu de forma exponencial. As clínicas universitárias passaram a realizar cerca de 40.000 atendimentos

médicos gratuitos por ano para a população carente da fronteira. Carlos Bernardo não havia apenas criado um negócio lucrativo; ele havia construído uma máquina de impacto social.

• • •

PARTE 5

O IMPÉRIO MONARCA

Capítulo 16: O CEO e as 800 Famílias

O sucesso na educação foi a alavanca para a construção de um ecossistema muito maior. Nasceu assim o Monarca Group, uma holding projetada para blindar seu patrimônio e expandir sua influência.



O Monarca Group - de boia-fria a pecuarista de elite

A terra, que na infância era sinônimo de calos e exploração, tornou-se o principal ativo de seu portfólio. Carlos adquiriu sete fazendas. A holding estendeu seus braços para a logística, com a Transportadora Interamericana; para o setor financeiro, com o Van Bank em São Paulo; e para a indústria de base, com a mineradora

de calcário Montecarlo.

Hoje, o Monarca Group sustenta diretamente mais de 800 famílias. O menino que não tinha dinheiro para comprar Kichute tornou-se o maior empregador privado da fronteira.

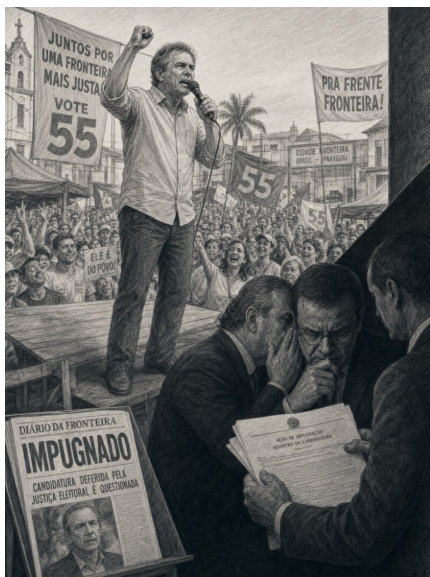
• • •

PARTE 6

O TABULEIRO POLÍTICO

Capítulo 17: O Sistema Tenta Engolir

A entrada de Carlos Bernardo na política institucional não foi motivada por ambição financeira. Foi motivada por uma frustração crônica com a lentidão do Estado. Em 2022, ele se lançou candidato a Deputado Federal pelo MDB.



2022 - impugnado, mas não silenciado

No último dia de registro de candidatura, adversários desenterraram um processo antigo. A Justiça Eleitoral aplicou-lhe a pena máxima: a perda dos direitos políticos por oito anos. A

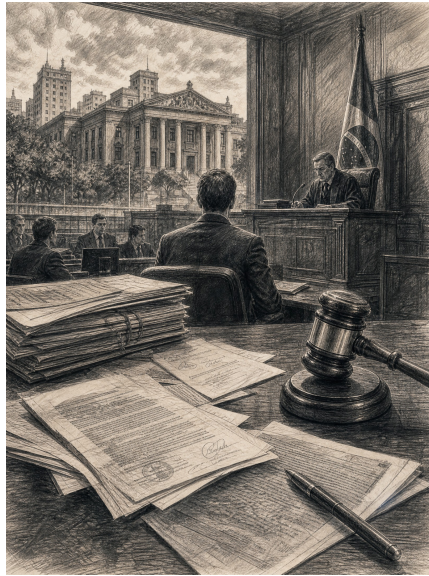
punição era uma aberração jurídica.

Mesmo sangrando em praça pública, impugnado e atacado, Carlos não recuou. Fez a campanha até o fim. Quando as urnas abriram, o resultado chocou o establishment: ele obteve quase 32.000 votos. Um candidato tecnicamente "morto" havia demonstrado uma força eleitoral assustadora.

Capítulo 18: O Cavalo de Troia Jurídico

Derrotado pela burocracia em 2022, Carlos percebeu que precisava de uma manobra audaciosa. Em 2024, ele desenhou o que os bastidores políticos chamariam de "Cavalo de Troia Jurídico".

Carlos lançou-se candidato a prefeito de Ponta Porã. Mas o objetivo principal não era sentar na cadeira de prefeito. Era criar o fato jurídico necessário para levar seu processo ao Superior Tribunal de Justiça.



A manobra foi cirúrgica. O STJ analisou o caso, reconheceu o excesso da pena original e, por um placar apertado de 3 votos a 2, restaurou plenamente os direitos políticos de Carlos Bernardo. Ele perdeu a eleição para prefeito, mas venceu a guerra.

Capítulo 19: O Plano dos 1.000 Dias

Carlos Bernardo não é um teórico. Suas 44 propostas para 2026 não nasceram em gabinetes refrigerados; nasceram na poeira, na fome e na gestão de crises reais.

O pilar central de sua plataforma é o projeto dos "Primeiros 1.000 Dias". Enquanto políticos tradicionais prometem tablets e escolas em tempo integral, Carlos aponta para a raiz biológica da pobreza: a desnutrição da gestação aos dois anos de idade.



Na economia, ele prega a Verticalização pela Rota Bioceânica. Na Reforma Agrária, propõe usar áreas da União e terras confiscadas do narcotráfico. E na saúde, propõe o Hospital Binacional - utilizando a força de trabalho dos estudantes de medicina das universidades da fronteira.

É a lógica do Monarca Group aplicada ao dinheiro do contribuinte.

• • •

EPÍLOGO

O Motor Está Ligado

*"A cicatriz não desaparece, mas a pele ao redor
dela se torna mais forte."*

Carlos Bernardo poderia ter sido apenas mais uma estatística de mortalidade infantil no interior do Paraná. Poderia ter sido um dos andarilhos sem rosto que ele tanto temia na infância. Poderia ter sucumbido ao ódio quando Lázaro o espancava, ou ao desespero quando Cleonite morreu em seus braços. Poderia ter aceitado a derrota quando foi abandonado em Cuiabá, ou quando foi traído no Paraguai.

Mas ele escolheu a recusa. A recusa em ser vítima. A recusa em aceitar que o CEP de nascimento determina o limite do voo.

Sua história não é um conto de fadas sobre o poder do pensamento positivo. É um manual de sobrevivência sobre o poder da execução. A fé de Carlos não é contemplativa; é uma fé de enxada e trator. Ele acredita que Deus abre o mar, mas é o homem quem precisa ter a coragem de pisar na lama e atravessar.

Hoje, do alto do Monarca Group, olhando para as sete fazendas e para os milhares de alunos que cruzam a fronteira todos os anos graças à estrutura que ele ajudou a erguer, Carlos Bernardo sabe que o pior já passou.

O menino que comia carcaça de frango no lixo do supermercado Laranjão não existe mais. O que existe é um gestor impaciente com a lentidão de um país que insiste em desperdiçar seu próprio povo.

Em 2026, ele não pedirá votos contando histórias tristes. Ele pedirá um mandato para consertar a máquina. O relógio da burocracia é lento, mas a fome tem pressa.

Mato Grosso do Sul, prepare-se. O motor está ligado.



A estrada continua...